

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

BEATRIZ SANT'ANA COSTA

**O aquilombamento de mulheres negras através da estética do
crespo**

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

O aquilombamento de mulheres negras através da estética do crespo

Beatriz Sant' Ana Costa

Artigo de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2022

O AQUILOMBAMENTO DE MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DA ESTÉTICA DO CRESPO¹

Beatriz Sant'Ana Costa²

Resumo: O estudo pretende analisar as experiências de mulheres negras que se apropriam da estética do crespo, a fim de identificar uma potencial ideia de *aquilombamento* que existe entre elas. Nesse contexto, o cabelo surge não apenas como um elemento estético, mas como um símbolo político de resistência contra-hegemônica. Para tanto foi realizada uma pesquisa estruturada e uma revisão bibliográfica de autores negros para uma análise desenvolvida de forma afrocentrada.

Palavras-chave: Quilombo. Aquilombamento. Cabelo crespo. Mulher negra. Racismo.

Abstract: The study intends to analyze the experiences of black women who appropriate the kinky hair aesthetics, in order to identify a potential idea of *aquilombamento* that exists among them. In this context, hair appears not only as an aesthetic element, but as a political symbol of counter-hegemonic resistance. Therefore, a structured research and a bibliographic review of black authors were carried out for an analysis developed in an Afrocentric way.

Key words: Quilombo. Aquilombamento. Kinky hair. Black women. Racism.

Resumen: El estudio busca analizar las experiencias de mujeres negras que se apropian de la estética del crespo, con el objetivo de identificar una potencial idea de *aquilombamento* que existe en ellas. Mientras tanto, el cabello aparece no sólo como un elemento estético, sino como un símbolo político de resistencia contrahegemónica. Para esto, se realizó una investigación estructurada y una revisión bibliográfica de autores negros de manera que se desarrolle un análisis afrocentrico

Palabras clave: Quilombo. Aquilombamento. Cabello rizado. Mujer negra. Racismo.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

² Pós-graduando em Gestão de Projetos Culturais

1. INTRODUÇÃO

As motivações para esta pesquisa partem de vivências pessoais da autora. Não se pretende, contudo, apresentá-las como forma de escrevivência e sim demonstrar como uma experiência individual é compartilhada por grande parte das mulheres negras brasileiras.

O Brasil foi o país que mais importou negros escravizados e o último a abolir a escravidão, que perdurou por mais de 300 anos, mesmo com resistência e luta por parte da população afro-descendente. Este período resultou na consolidação de uma sociedade racista e desigual, que ainda hoje, impossibilita ações de políticas públicas voltadas para a população negra, sobretudo para a mulher negra, que neste cenário recebe triplamente a carga de preconceito de gênero, somados ao preconceito racial e de classe.

Esta pesquisa pretende compreender o contexto histórico do processo de escravidão com destaque à formação dos quilombos – sociedade alternativa afro-brasileira que lutou contra o sistema colonial e resistiu à guerras e inquisição – relacionando estes conceitos com às experiências de mulheres negras contemporâneas que utilizam a estética do crespo a fim de identificar uma potencial ideia de aquilombamento que existe entre elas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa estruturada com um grupo de mulheres, além de análise de obras acadêmicas de historiadores negros que marcaram o seu tempo, à luz das questões atuais, dando continuidade ao pensamento e apresentando a pesquisa de forma afrocentrada.

Se faz necessária a compreensão das diversas facetas que envolvem o uso do cabelo crespo por parte das mulheres negras, não somente como um elemento estético, mas também político, como forma de resistência contra-hegemônica. Os dados coletados nesta pesquisa pretendem extrapolar o campo acadêmico e gerar para a sociedade uma fonte para o fortalecimento da identidade afro-brasileira, garantindo a continuidade de novos estudos e discussões sobre o tema, visando principalmente, a inserção da mulher negra em todos os contextos sócio-culturais brasileiros.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Tratar como coincidência as constantes violências, sutis ou não, vividas pela maior parte dos afrodescendentes no Brasil, passa diretamente pela estrutura racial que se desenvolveu no contexto social brasileiro. Por isso, se faz necessário nesta pesquisa, atravessar as questões relacionadas à escravidão.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no continente americano, o Brasil foi o país que mais traficou pessoas africanas. Entre os séculos XVI e

meados do XIX, vieram cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negroiro³.

Oficialmente, o tráfico negroiro teve início em 1550 e no final do século XIX, a população escravizada constituía a maior parte da nova colônia portuguesa. (GONZALEZ, 1982). Os navios vieram, principalmente, com povos naturais de Angola, Nigéria e Contra-Costa Angolana, atual Moçambique, estes, tiveram que aprender a conviver entre si e se adaptar à nova cultura que os era imposta. Tal processo dificultou a manutenção e fortalecimento de suas religiões e costumes.

A história oficial que se conta desse período e o estereótipo erroneamente construído no inconsciente coletivo nacional, é de que o negro escravizado era dotado de incapacidade intelectual, passividade e aceitação tranquila da escravidão, reforçando, apenas, as teorias raciais desenvolvidas por alguns pensadores do passado. Como defende Kabengele Munanga:

Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (MUNANGA, 2003, p.1)

A literatura formal não apresenta de forma clara quais e como se deram as resistências no período escravista brasileiro. A realidade é que o povo escravizado sempre buscou uma forma de lutar contra o sistema imperial da época e a formação dos quilombos foi uma das maneiras encontradas.

Apesar das primeiras referências de quilombo terem surgido em documentos oficiais portugueses em 1559, o seu conceito foi definido pelo Conselho Ultramarino, apenas em 1740, como "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles". (NASCIMENTO, 1985, p.112)

Tal definição não é suficiente para compreensão das diversas facetas deste sistema autônomo e alternativo. Segundo a pesquisadora Beatriz Nascimento, existem evidências de grupos angolanos que praticavam uma maneira de sobrevivência similar ao que encontramos no Brasil. Os *Kilombos*, eram formações sociais dos Imbangala, grupo que dominou Angola em meados do século XVI, viviam principalmente de saques, não criavam gados e não tinham filhos, adotavam adolescentes de tribos derrotadas. A característica nômade dos Imbangala pode ser reconhecida no *Kilombo*, que neste contexto, recebe o significado de instituição em si.

³ Dados do Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros>. Consultado em: 23 de março de 2022..

Seriam *Kilombos* os próprios indivíduos ao se incorporarem à sociedade Imbangala. Outro significado estava representado pelo território ou campo de guerra. Ainda outro significado para *Kilombo* dizia respeito ao local, casa sagrada, onde se processava o ritual de iniciação. O acampamento de escravos fugitivos, como quando alguns Imbangala estavam em comércio negreiro com os portugueses, também era *Kilombo*.
(NASCIMENTO, 1885, p. 156)

Nota-se similaridade entre o grupo africano e as formações sociais que aconteceram no Brasil, a exemplo do Quilombo dos Palmares, um dos principais e maiores que se tem notícia. Ocupou parte do nordeste brasileiro, entre os atuais estados de Alagoas e Pernambuco, com duração de um século – de 1595 a 1695. No início, o grupo de negros fugidos era pequeno, porém, ao longo dos anos tornou-se uma comunidade com cerca de trinta mil africanos, ocupando uma área territorial de aproximadamente um terço do tamanho de Portugal. (NASCIMENTO, 1980). Palmares pode ser considerado de fato um Estado, resistiu a cerca de 27 guerras de destruição e, mesmo com todas as adversidades, mantinha um sistema agrícola auto suficiente e passível de negociações diplomáticas com as autoridades coloniais.

Além deste, existiram diversos outros quilombos nas cidades do Rio de Janeiro, Maranhão, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e em todo o território brasileiro. Podemos citar aqui importantes grupos de resistência como o Quilombo do Jabaquara, em São Paulo; o Quilombo dos Garimpeiros, Quilombo do Ambrósio, Quilombo do Sapucaí, todos estes em Minas Gerais. Ainda em Minas, em 1726 formou-se o Quilombo do Campo Grande que reunia mais de vinte mil pessoas e em quesito territorial foi ainda maior que Palmares.

[...] uma extraordinária população, levando-se em conta as condições terrivelmente adversas nas quais os escravos fugiram e se organizaram. As formas de convivência e de produção, como em Palmares e outras importantes concentrações de africanos rebeldes, reproduziam a tradição africana do comunitarismo agrícola.
(NASCIMENTO, 1980. p. 77)

Essas potentes sociedades organizadas e auto suficientes geraram enorme risco ao sistema colonial da época. A ideia de encontrar grupos de etnias comuns compartilhando um espaço territorial e votados para um tipo de economia, subvertia o sistema que dominava toda a atividade produtiva brasileira. (NASCIMENTO, 1985). A oscilação do sistema colonial, as frequentes fugas dos negros escravizados e os corriqueiros saques e roubos, foram a tônica para o novo conceito de quilombo:

“É assim que no Código de Processo Penal de 1835 o quilombo no sentido de valhacouto de bandidos se distingue de qualquer outra forma de contestação dos escravos. Mas se assemelha enquanto perigo a estabilidade e

integridade do império, sendo a pena para os seus integrantes correspondente a mesma dos participantes de insurreição: ou seja, a degola"
(NASCIMENTO, 1885 - pg. 162)

A partir deste período, as batalhas contra quilombos passaram a acontecer com mais frequência, houve um longo período de insurreição e a luta dos quilombolas pelo seu território e pelo fim do período escravista foi marcado por mortes e perseguição. Com isso, os quilombos passaram a tomar o sentido de um sistema social baseado na autodefesa e na resistência como forma política. (NASCIMENTO, 1985).

A maior parte dos territórios que no século XIX eram considerados quilombos hoje compreendem favelas ou ex-favelas, majoritariamente compostas por uma população de baixa renda (NASCIMENTO, 1985). Ponto é que, a relevância do quilombo deve ser compreendida, não somente como meio ancestral de resistência para a população afro-brasileira, como também uma instituição complexa que deve ser compreendida à luz das mudanças históricas na sociedade nacional.

Com o fim do período colonial, o quilombo deixou de ser um lugar de reunião de pessoas negras fugidas da escravidão – conceito ligado a algo pejorativo – e tomou o sentido de um local de resistência e utopia. Podemos pensar nos quilombos contemporâneos como um espaço de reunião e de resistência da população afro-brasileira, que assim como nos primórdios, cultiva e mantém vivos os valores da população negra, atuando na construção de um pensamento afrocentrado.

O quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto afirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema a que os negros estavam moralmente submetidos projeta a esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural (NASCIMENTO, 2021, p. 294).

Neste sentido, podemos transcrever o conceito de quilombo de Beatriz Nascimento para a ideia de *aquilombamento*, ainda como forma de resistência contra-hegemônica, reforçando uma identidade cultural afro-brasileira. Nas palavras de Abdias Nascimento (1980, p.65), "Que mais poderia ser a cultura senão a *unidade criativa* de forças que, de outra forma, poderiam estar dispersas e enfraquecidas em suas próprias singularidades?"

Se o quilombo não é uma ideia localizada no passado, mas sim um espaço de agregação que se reconfigurou diversas vezes na história da diáspora afro-brasileira, constituindo-se a partir do assentamento de comunidades negras e fortemente ligado aos aspectos territoriais, pedimos licença para desdobrar a enunciação feita por Beatriz Nascimento e desembocar na ideia de "aquilombamento" enquanto dispositivo derivado da instituição quilombo, porém destituído do seu caráter territorial, no intuito de

demonstrar a continuidade do ato de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade e designar experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade. (SOUTO, 2020, p. 141)

Com isso, pode-se dizer que o processo de aquilombamento e manutenção da cultura brasileira passa diretamente pelo negro, sobretudo pela mulher negra, reforçando a importância do papel desta mulher na história brasileira em todas as camadas da sociedade.

3. MULHERES NEGRAS E CABELO CRESPO

A história do Brasil mostra que o cotidiano da mulher negra foi, e é marcado, pela desvalorização e preconceito. Como visto anteriormente, o histórico da escravidão resultou em uma sociedade desigual e racista que colocou a mulher negra de algumas maneiras: como a mucama – servindo à casa grande e aos senhores – e como trabalhadora do eito. Segundo Lélia Gonzalez, "em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro" (GONZALEZ, 1982, p.52). Na atualidade, a realidade não difere do passado, como cita Lélia Gonzalez:

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito quilombola não a deixa soçobrar. (GONZALEZ, 2020, p. 52)

As mulheres negras e pardas compõem 44% da população brasileira⁴. De acordo com dados do Mapa da Desigualdade da cidade de São Paulo de 2021, a população preta e parda hoje ocupa majoritariamente os territórios periféricos, com presença em cerca de 60% dos distritos, enquanto nas regiões centrais este número cai para 5%. Por outro lado, a violência racial acontece principalmente nas regiões centrais da cidade, enquanto a violência contra a mulher, majoritariamente, nas regiões periféricas.

As marcas estruturais do racismo são brutalmente mais sentidas por mulheres negras que, neste cenário, recebem triplamente a carga de preconceito de gênero, somados ao preconceito racial e de classe. Segundo Salete Joaquim:

A história da mulher negra é a história da assimilação dos padrões e relações da mulher branca. É a história de submissão ideológica a um grupo étnico que se faz hegemônico. Nesta perspectiva, é a história de uma identidade

⁴ Dados da Secretaria da Educação - Dia a Dia Educação.. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_quilombola/mulhernegra_dados.pdf

étnica negada em atenção às circunstâncias de vida apresentadas ao grupo negro.
(JOAQUIM, 2014.P.194).

Neste sentido, trazemos à luz não apenas as questões estruturais do racismo, como também o ponto do feminismo, que de maneira convencional, não sustenta as questões raciais em suas pautas, e sim estrutura suas teorias essencialmente no discurso e experiências de mulheres brancas. Como cita Ribeiro, "a invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados" (RIBEIRO,2018, p.114) . Neste contexto, o silenciamento se apresenta como uma forma de ideologia. A ausência de ações não apenas sobre o feminismo, mas sobre políticas públicas voltadas às mulheres negras, levanta a bandeira para questões urgentes de uma sociedade machista, misógina, racista e classicista.

Enquanto uma instituição bem sucedida, o racismo dita territorialidade e padrões sociais, a raça estrutura as relações de poder e o racismo atua como uma forma classificatória de valor: "preto" e "branco" – "bom" e "ruim". "As distinções de valor estético, 'bonito/feio', sempre foram centrais para o modo como o racismo divide o mundo em oposição binária" (MERCER, 1987, p. 65).

O cabelo crespo, bem como a cor da pele, pode ser entendido como um dos sinais mais tangíveis da racialidade, e que, enquanto algo maleável, pode facilmente ser modificado por meio de alisamentos e químicas para alteração de sua textura, cor e aspecto. O racismo transformou o corpo negro em um corpo político e o cabelo neste cenário deixa de ser uma característica meramente estética e assume um papel de posicionamento e resistência.

Mas como podemos analisar as diversas particularidades das mulheres negras brasileiras, com a questão do crespo, relacionado isso a uma ideia de aquilombamento que existe entre elas? Para isso, foi realizada uma pesquisa estruturada com 50 mulheres majoritariamente pretas e pardas que utilizam, ou não, a estética do crespo. Um formulário foi enviado para um grupo de artistas, profissionais da cultura e mulheres periféricas, entre os meses de março a abril de 2022.

Com relação aos resultados obtidos, os mesmos foram avaliados de forma qualitativa e quantitativa contextualizando com as pesquisas e estudos já publicados.

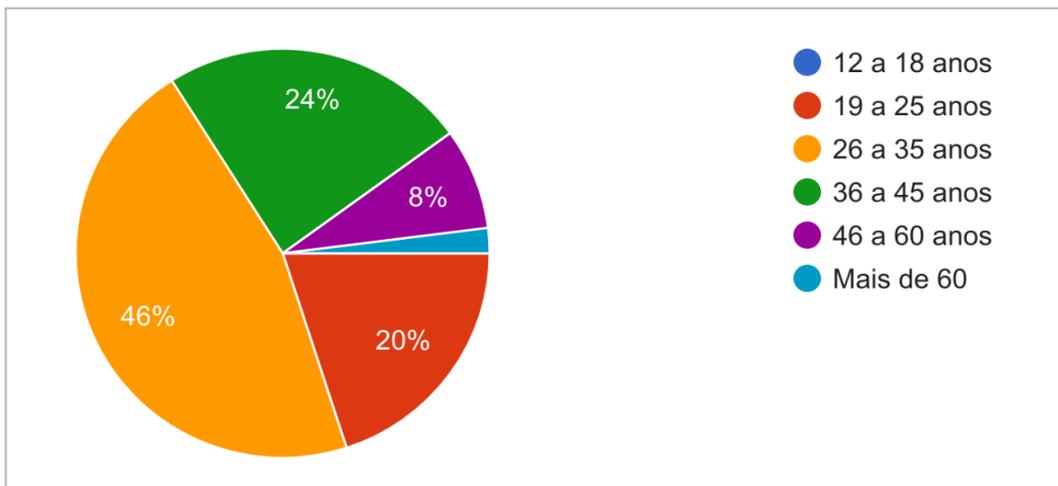


Gráfico 1 – Faixa etária

A pesquisa foi realizada com mulheres entre 19 e 60 anos. 46% possuem de 26 a 35 anos; 24% possuem de 36 a 45 anos e 20% de 19 a 25 anos.

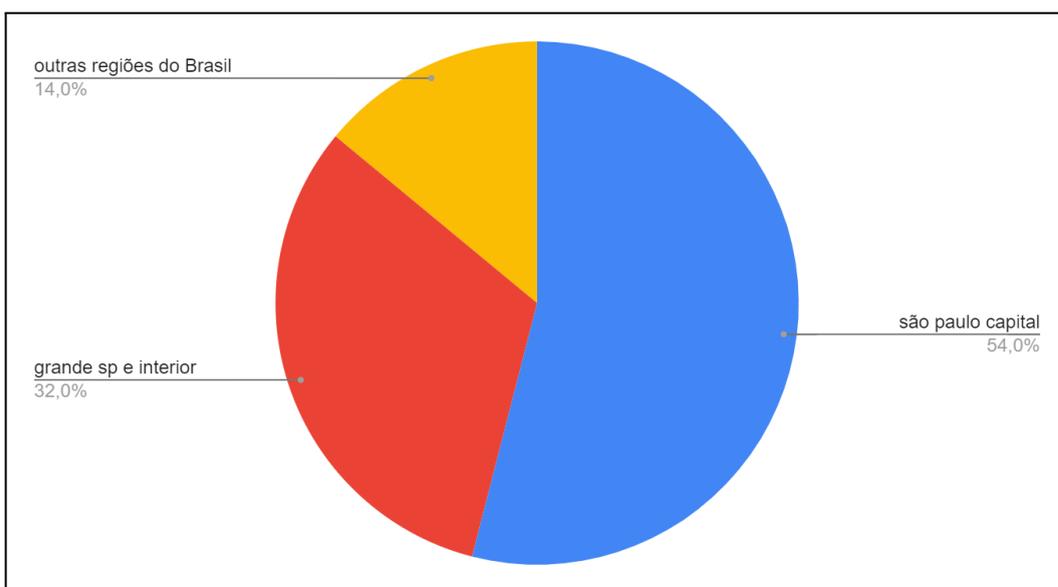


Gráfico 2 – Região de nascimento

54% das entrevistadas nasceram na capital de São Paulo, 32% na grande São Paulo e interior do Estado de São Paulo e 14% de outras regiões do Brasil.

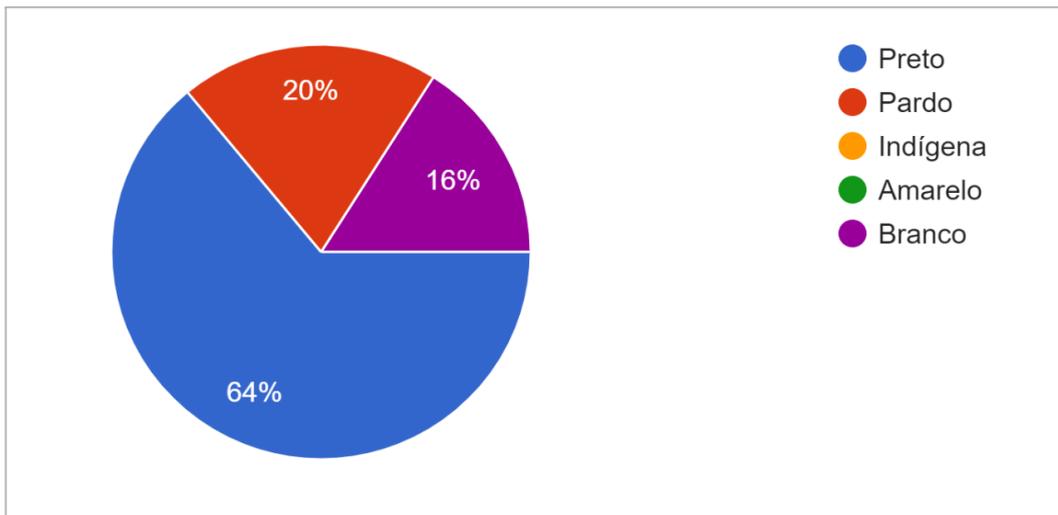


Gráfico 3 – Autodeclaração

A pesquisa foi realizada majoritariamente com mulheres negras e pardas, que juntas somam 84% das entrevistadas.

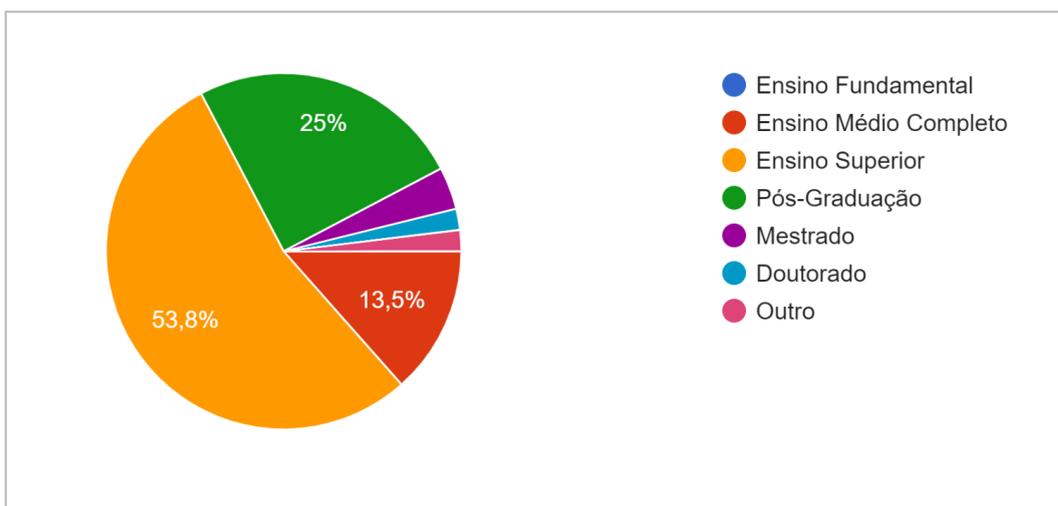


Gráfico 4 – Escolaridade

A maioria das mulheres entrevistadas possuem ensino superior, sendo que 25% cursaram pós-graduação.

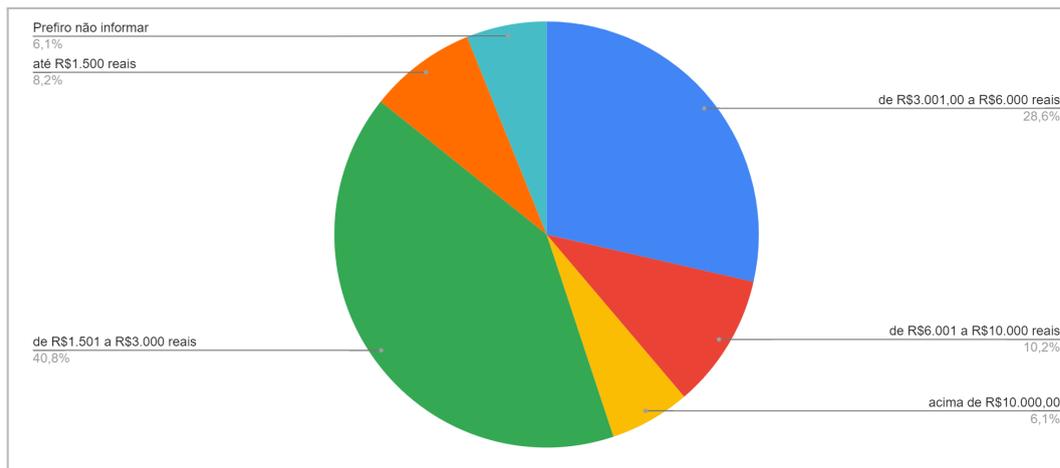


Gráfico 5 – Renda

Os dados mostram que 49% das mulheres entrevistadas compõem as classes D e E, (renda mensal domiciliar até R\$ 2,9 mil), seguidas por 28,6% da classe C (renda mensal domiciliar entre R\$ 2,9 mil e R\$ 7,1 mil).

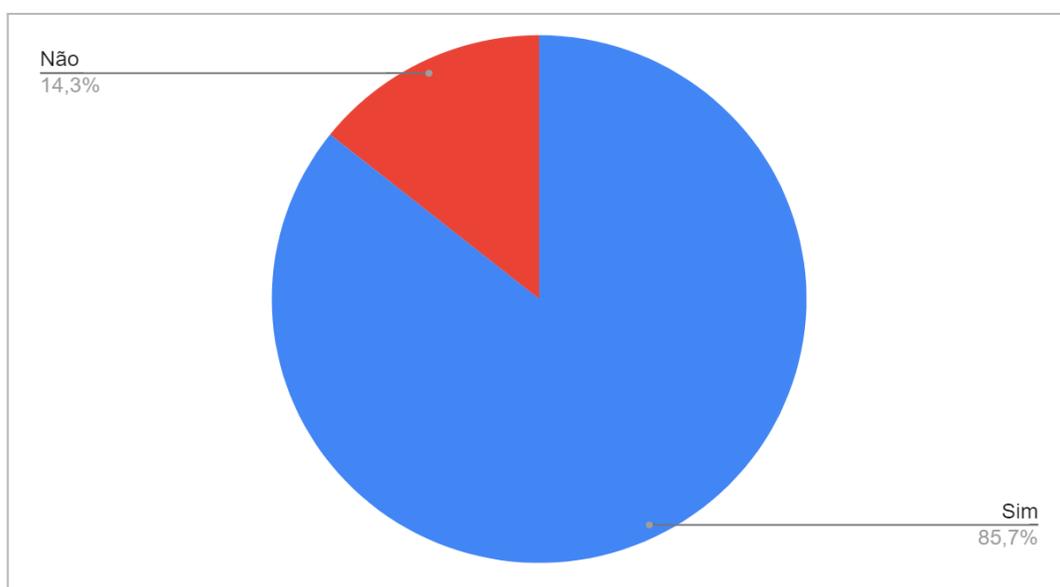


Gráfico 6 – Possui cabelo crespo?

Quando perguntado sobre seus cabelos, 42 mulheres, das 50 entrevistadas afirmaram que possuem cabelo crespo, o que representa 85,7% do total. 7 mulheres não possuem cabelos crespos, destas, todas já usaram algum tipo de química para alisamento.

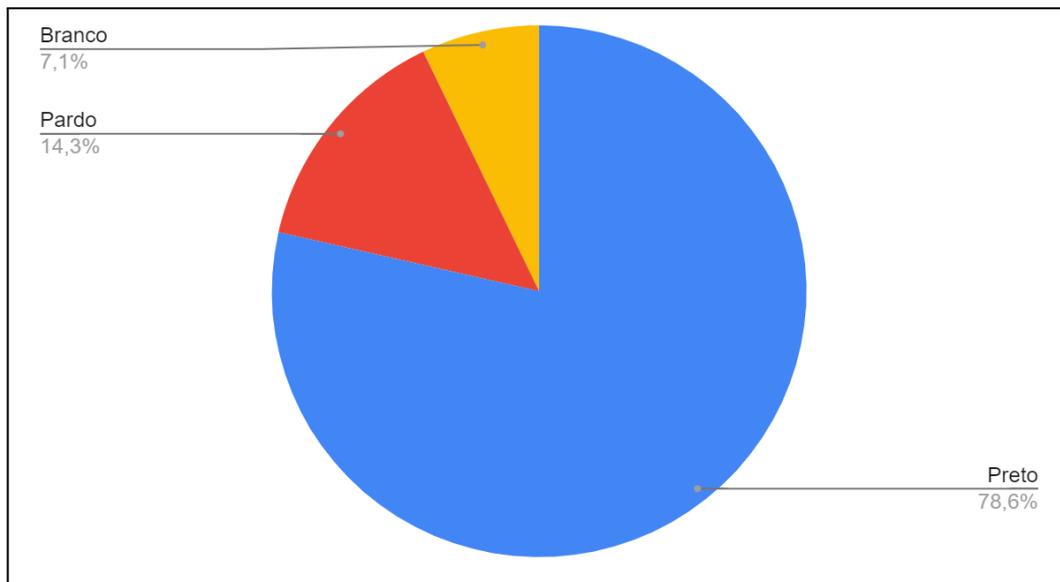


Gráfico 7 – Autodeclaração entre mulheres com cabelo crespo

Das mulheres que possuem cabelos crespos, 92,9% se identificam como pretas ou pardas e apenas duas nunca utilizaram nenhum tipo de química para alisar ou mudar a curvatura dos fios.

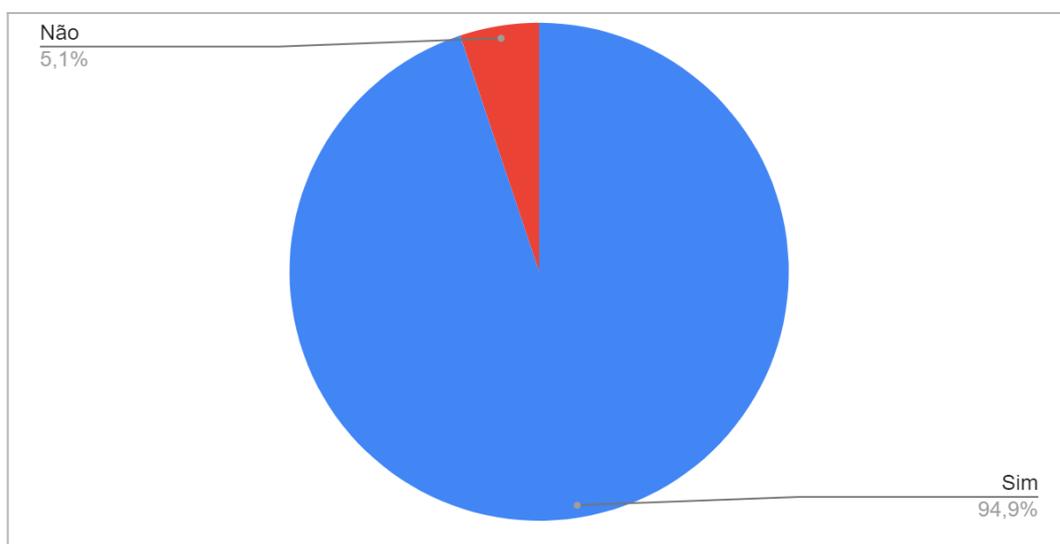


Gráfico 8 – Mulheres que já realizaram procedimentos químicos

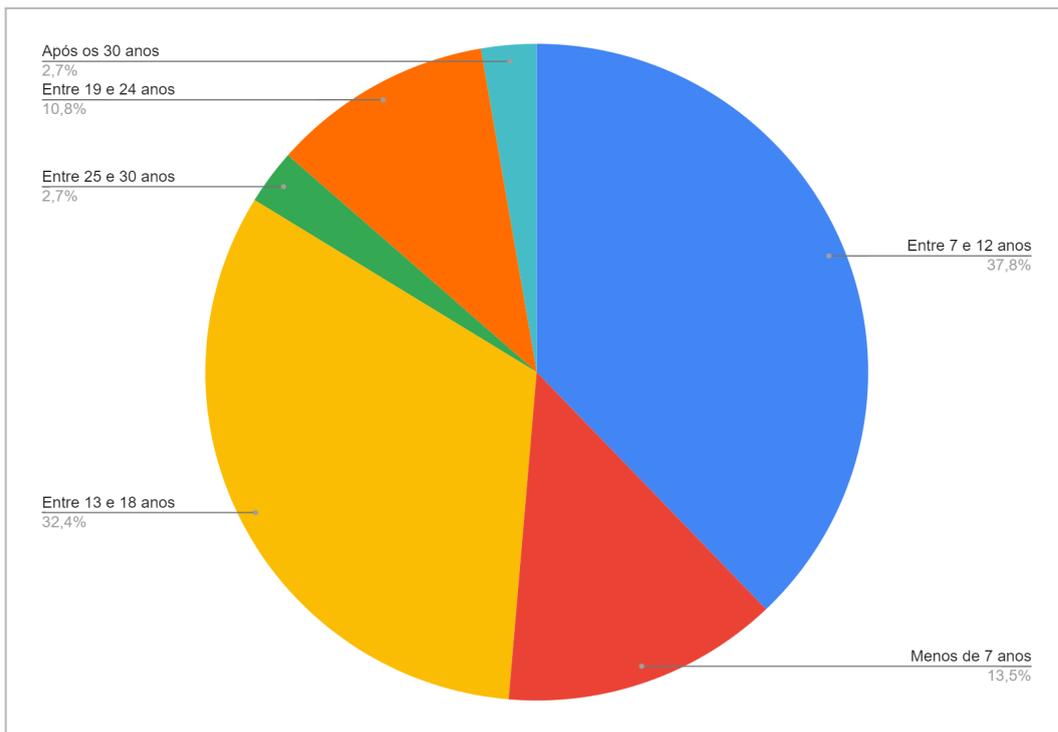


Gráfico 9 – Idade com que realizaram procedimentos químicos

Das outras 94,9% de mulheres com cabelos crespos que já utilizaram procedimentos químicos, a maioria realizou entre a infância e a adolescência. 37,8% alisaram seus cabelos dos 7 aos 12 anos; 32,4% dos 13 aos 18 anos; seguidos de 13,5%, que realizaram o procedimento na primeira infância, antes dos 7 anos.

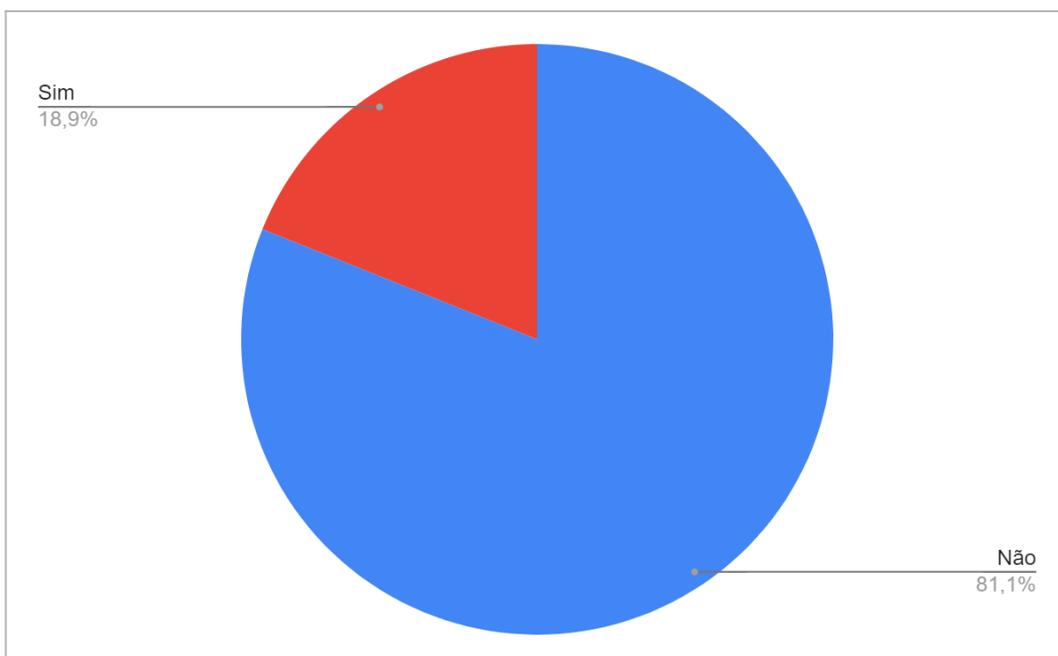


Gráfico 10 – Mulheres com cabelo crespo que passam por processo de alisamento hoje

Ao analisar a situação atual das 94,9% de mulheres com o cabelo crespo que utilizaram alisamento no passado, 81,1% não possui química e já passaram, ou estão passando, pela transição capilar. As demais 18,9% ainda alisam ou modificam a curvatura dos cachos. As justificativas para manter os cabelos alisados são, em sua maioria, por questão de praticidade.

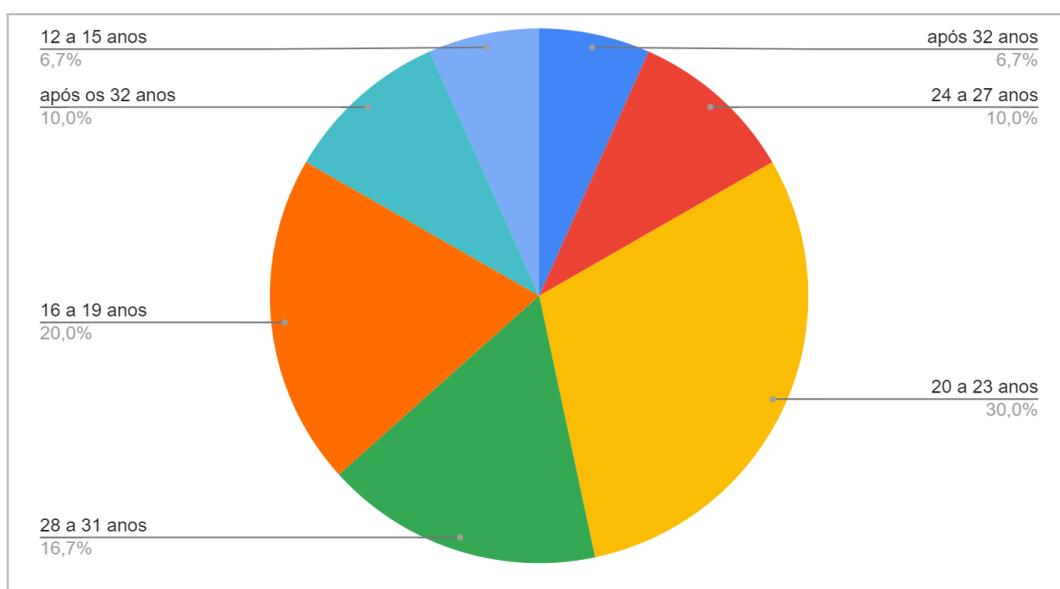


Gráfico 11 – Idade que iniciaram a transição capilar

Das 81,1% de mulheres que usam seus cabelos naturais na atualidade, 30% iniciaram a transição capilar entre 20 e 23 anos, seguidos de 16,7% entre 28 e 31 anos. Destas, 66,7% iniciaram a transição sem nenhum tipo de penteado de proteção – como tranças, dreads ou twist. Apenas 10% das mulheres entrevistadas voltaram a realizar alisamento após o início da transição capilar, e na atualidade, todas utilizam os seus cabelos naturais.

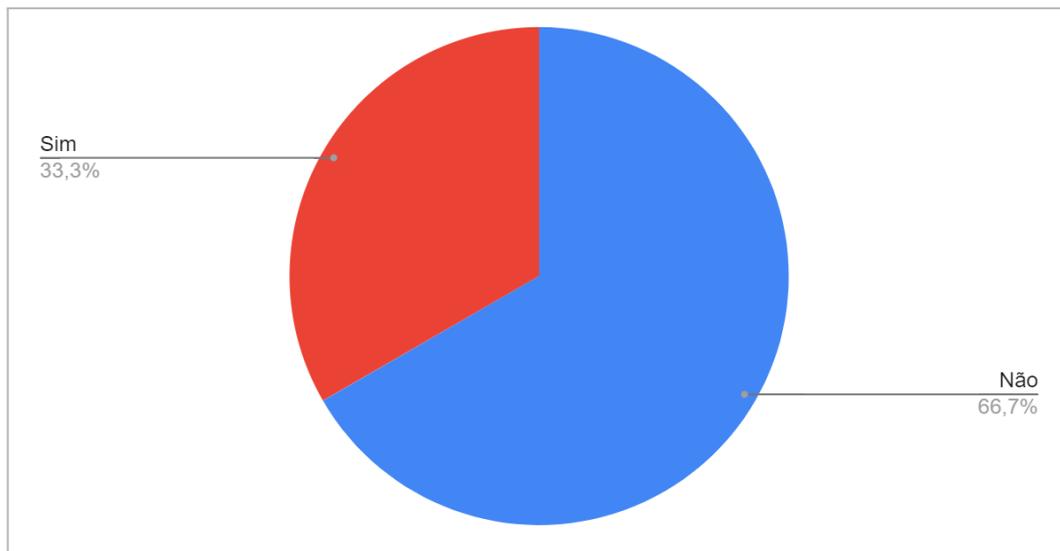


Gráfico 12 – Utilizou algum penteado de proteção durante a transição capilar?

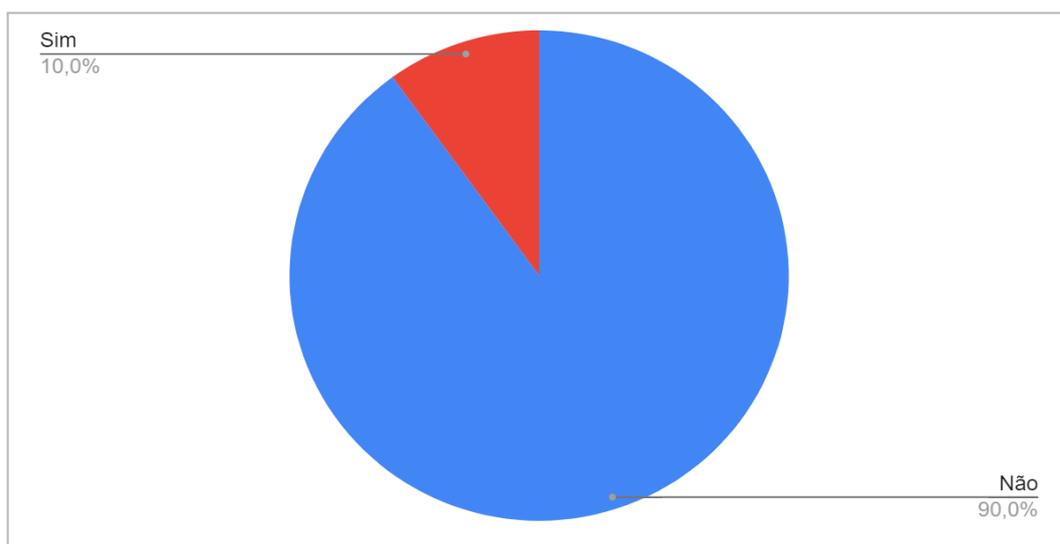


Gráfico 13 – Voltou a realizar alisamento após o início da transição capilar

As motivações que levaram as 90% de mulheres a assumirem os seus cabelos crespos são diversas: passam por cuidado com os cabelos que estavam danificados devido ao uso de produtos químicos, por questões financeiras, e majoritariamente por auto identificação.

Cansada das químicas e eu não sabia mais como era o meu cabelo;

Passei por um processo de enegrecimento, me enxergando como mulher negra e, por isso, quis assumir meu cabelo natural;

Queria descobrir como realmente era meu cabelo, e estou gostando do resultado;

Liberdade;

Dificuldade de manter ele alisado, cortes químicos e queria descobrir como seria com o cabelo novamente;

Eu quis ver como que meu cabelo estaria sem química e amei;

Identificação pessoal;

Meu cabelo caía muito. O relaxamento deixava os fios mais porosos e arrebatavam. Estava dia a dia com menos cabelo e decidi assumir meu cabelo natural;

Preguiça de alisar o cabelo;

Não me reconhecia mais quando olhava no espelho;

Custo elevados com mega hair, e meu cabelo sendo danificado, a ponto de não ter mais cabelo pro mega hair;

Meu cabelo natural muito mais lindo fácil de cuidar;

Meu cabelo estava muito danificado pela química e o couro cabeludo machucado;

Identidade e também minha família fez a transição;

Acabei fazendo transição por necessidade, gastava muito dinheiro com cabelo;

Fiquei desempregada e fiz redução de gastos, na época tinha que procurar muito nos canais do YouTube as meninas ensinando sobre transição, cronograma capilar, produtos etc...

Aceitação e problemas físicos (como feridas, alergia) por conta de fortes químicas;

Aceitação, busca pela minha identidade, empoderamento;

Assumir meu lugar como mulher negra de cabelo crespo;

Queria ter liberdade capilar, sem querer me preocupar sempre em ter que arrumar cabelo;

Ah querida, faz muito tempo que deixei de alisar meus cabelos, na época nem se falava em transição rsrs, simplesmente deixávamos de alisar. Talvez eu tenha feito a transição devido o meu cabelo ser bastante fino e quebrava muito;

A consciência como negra que eu fui tomando, não me identificava com aquele cabelo e eu também sofria com os processos de alisamento, queimava o meu couro cabeludo e meu cabelo ficava sempre horrível;

Aceitação do meu cabelo e identidade;

Eu vi uma outra pessoa com um cabelo lindo sem alisar e na hora fiquei com vontade de ter o cabelo parecido;

Aprendi que o cabelo natural é muito mais bonito e fácil de cuidar, nos últimos anos, o mercado de produtos para cabelos crespos tem crescido muito e isso tem me

ajudado a cuidar melhor do meu cabelo, ex máscara ,creme de pentear , tudo isso ajuda o cabelo a ficar mais saudável. Antigamente não tinha muitos produtos para cabelos crespo,nós negras tínhamos que usar o mesmo produtos de cabelo liso;

Aprendi que o cabelo crespo e tão lindo e fácil de cuidar quanto o cabelo liso;

Autoidentificação;

Me conectar com a minha negritude. Tentativa de romper com o padrão eurocêntrico imposto. Como usava desde criança, já não lembrava como era a textura do cabelo natural (e vi um problema nisso). Fora que o cabelo só ficava bom com a química recém feita, depois era aquela tortura e apenas cabelo amarrado e sem ver beleza;

Videos de mulheres negras no YouTube

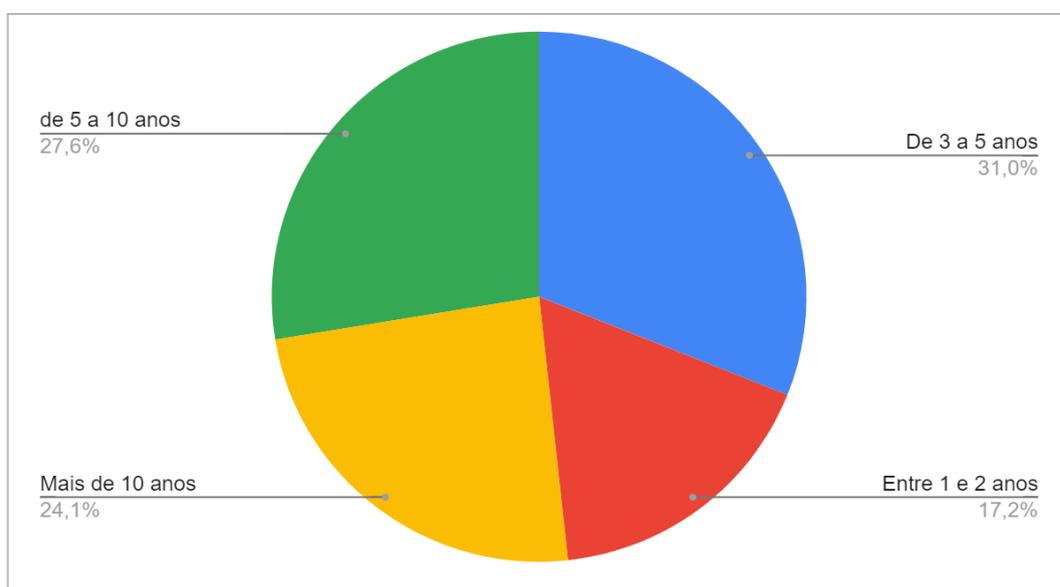


Gráfico 14 – Tempo que utiliza o cabelo natural

A pesquisa mostra que há um equilíbrio no período de tempo em que as mulheres utilizam seus cabelos naturais. As que assumiram a estética do crespo a mais tempo, iniciaram o uso da química entre a adolescência e quando jovens adultas (entre 13 e 24 anos), e hoje possuem entre 30 e 60 anos. Já as mulheres que utilizam o cabelo crespo a menos tempo (de 3 a 5 anos), iniciaram o uso da química entre a infância e a adolescência, algumas ainda na primeira infância, e atualmente são adultas entre 26 e 35 anos.

CONSIDERAÇÕES

Para as mulheres negras, o alisamento ou o uso de produtos químicos que modificam a curvatura dos fios, acontece entre a infância e a adolescência, momento de sociabilidade extra-familiar, quando passam a acessar outras camadas da sociedade e suas referências deixam de ser a do núcleo familiar. Com isso, a tendência é, ou de resistência, ou seja assumir

o crespo, ou de dominação – acomodação aos padrões pré estabelecidos – neste caso, a segunda opção é o movimento apontado na pesquisa.

A partir disso, podemos observar um ponto de reconhecimento em comum, uma vez que as meninas negras, até a primeira infância possuem, em grande parte, como referência mulheres semelhantes – mãe, avós ou tias – que cuidam de seus cabelos e com isso garantem, mesmo que inconscientemente, a manutenção de um conhecimento ancestral, que leva a um processo de conexão e identificação entre si.

A pesquisa apresenta também um movimento interessante: a maior parte das mulheres entrevistadas usam os seus cabelos naturais de 3 a 10 anos, ou seja, deixaram de alisar os seus cabelos a partir de 2012. Período em que houve um aumento de mulheres que realizaram a transição capilar e compartilharam suas rotinas de forma independente nas redes sociais. Rayza Nicácio, por exemplo, influenciadora digital e uma das primeiras a falar sobre o assunto, teve o seu primeiro vídeo publicado em fevereiro de 2012, onde apresenta diferentes formas e produtos para tratar de cabelos crespos e cacheados. Após ela, uma série de mulheres passaram a divulgar suas rotinas de tratamento.

O alcance e relevância da mídia e sobretudo a representatividade de mulheres que assumem seus cabelos crespos, surgem neste contexto, como forma de resistência contra-hegemônica. Como mencionado anteriormente, o crespo não se trata de uma questão meramente estética e sim um posicionamento político frente ao padrão caucasiano pré-estabelecido. Este processo se apresenta quando, em alguns depoimentos da pesquisa e em discursos corriqueiros, se fala “assumir” o cabelo e não “usar” o cabelo crespo, a semântica neste sentido revela o posicionamento de cada ação: de acordo com o dicionário de Oxford, “assumir” significa *tomar para si*, enquanto “usar” é *ter por hábito, por costume*. Com isso, se percebe o quanto a estética do crespo é negada às mulheres negras, uma vez que para utilizar os cabelos naturais, se faz necessário o ato de se apropriar de sua própria essência e não somente ter por hábito e naturalidade.

O aquilombamento neste sentido se manifesta na influência que uma mulher causa em outra, na rede de apoio que se forma, no afeto compartilhado, na continuidade de cuidados, penteados, estética, beleza, política e resistência. Com isso, se entende que a manutenção da cultura e ancestralidade afro-brasileira passa diretamente pela mulher negra e pelos diversos significados que o uso do cabelo crespo representa.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Org: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2020.

IBGE. **Censo Demográfico. Principais resultados: População residente por sexo, 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=d> estaques. Acesso em: 22 abr. 2021.

JOAQUIM, Maria Salete. **O Papel Da Liderança Religiosa Feminina Na Construção Da Identidade Negra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001.

MERCER, Kobena. **Histórias afro-atlânticas vol.2 antologia**. Org. MASP

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Editora Vozes, Petropolis, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História Feita por Mãos Negras**. Org. Alex Ratts. Rio de Janeiro. Editora Zaha, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. Afrodiáspora, Rio de Janeiro, n 6/7, 1985.

PAULO, R. N. S. **Mapa da desigualdade: Mapa da Desigualdade 2020** revela diferenças entre os distritos da capital paulista. **Mapa da desigualdade**, São Paulo, v. 1, n. 2020, p. 1-76, out./2020. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS-1.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

SOUTO, Stéfane. **Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea**. Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós- Cultura - IHAC/UFBA). Salvador. 2020

APÊNDICE – Questionário virtual

Questionário enviado de março a abril de 2022

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScwofRoZfaaV0z9TozRuCSD8pLepCOuPTQfShNhBb_br2Hw5A/viewform?usp=sf_link